



O conceito de onisubjetividade em Linda Zagzebski

Lucas Lima da Silva¹

RESUMO: A filósofa contemporânea Linda Zagzebski propõe, no âmbito da Filosofia da Religião, o conceito de onisubjetividade divina. A onisubjetividade consiste na capacidade de conhecer os estados conscientes que se passam na mente de cada pessoa. Assim, Deus pode assumir a perspectiva de primeira pessoa de cada indivíduo, tendo conhecimento de suas experiências subjetivas. Nesse sentido, a onisubjetividade é entendida como uma empatia total e perfeita. O objetivo do presente artigo é examinar o conceito de onisubjetividade em Linda Zagzebski, apresentando os argumentos da autora na defesa desse atributo divino.

PALAVRAS-CHAVE: Onisubjetividade. Filosofia da Religião. Estados qualitativos. Empatia. Deus.

ABSTRACT: Contemporary philosopher Linda Zagzebski proposes, within the field of Philosophy of Religion, the concept of divine omnisubjectivity. Omnisubjectivity consists of the capacity to know the conscious states occurring within each person's mind. Thus, God can assume the first-person perspective of every individual, having knowledge of their subjective experiences. In this sense, omnisubjectivity is understood as total and perfect empathy. The aim of this article is to examine Linda Zagzebski's concept of omnisubjectivity, setting forth the author's arguments in defense of this divine attribute.

KEYWORDS: Omnisubjectivity. Philosophy of Religion. Qualitative states. Empathy. God.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, Deus² é entendido na Filosofia como dotado de certos atributos distintivos - por exemplo, a onisciência e a onipresença. No entanto, a filósofa contemporânea Linda Zagzebski defende a existência de outro atributo divino, além dos tradicionais: a onisubjetividade.

¹ Graduando em Filosofia.

² Deus, na abordagem de Linda Zagzebski, é entendido segundo a perspectiva cristã. Isso será percebido em vários momentos do artigo, desde a referência aos atributos da onisciência e da onipresença até a aplicação da onisubjetividade à doutrina cristã da Trindade. Esse enfoque realizado por Zagzebski não é um problema. No entanto, é importante explicitá-lo, uma vez que o atributo da onisubjetividade poderia ser entendido de forma diferente a depender de qual compreensão de Deus fosse adotada.

Para compreender o conceito de onisubjetividade, primeiramente é necessário definir o que é subjetividade. Zagzebski define-a como a “consciência como ela é experimentada pelo sujeito individual” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 435, tradução nossa). Especificando mais, a filósofa coloca que um dos significados de subjetividade é “a característica que nos permite dizer como é ter uma experiência consciente de certo tipo” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 436, tradução nossa). A subjetividade tem relação com os estados qualitativos, os chamados *qualia* - ou seja, estados mentais atrelados à perspectiva de primeira pessoa e que, pelo menos inicialmente, são acessíveis somente à pessoa que possui a experiência.

Nesse contexto, coloca-se um problema epistemológico: “como as experiências conscientes de uma pessoa podem ser compreendidas por outra?” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 435, tradução nossa). Ou seja, como seria possível para alguém saber como é ter experiências conscientes que ele não pode ter? (ZAGZEBSKI, 2016, p. 436). É em meio a essa problemática que Zagzebski propõe o conceito de onisubjetividade como “brevemente, a propriedade de compreender conscientemente, com perfeita exatidão e completude, a perspectiva de primeira-pessoa de todo ser consciente” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 232, tradução nossa). No entanto, a filósofa terá que defender a possibilidade desse atributo em face ao problema de como acessar a consciência de outro ser sem se confundir com ele ou ter que passar por suas experiências conscientes.

Assim, o objetivo de Zagzebski é argumentar de que modo Deus, como um ser onisciente, pode distinguir entre o conhecimento de primeira pessoa e de terceira pessoa sobre o mesmo fato, sendo assim capaz de conhecer o que é, para criaturas conscientes, ter suas distintivas sensações e emoções, humores e atitudes (ZAGZEBSKI, 2008, p. 232).

1 ONIPRESENÇA E ONISCIÊNCIA

Primeiramente, é importante destacar que Linda Zagzebski não coloca a onisubjetividade em desconexão com os atributos tradicionais de Deus, mas a vê como uma consequência deles.

Um atributo tradicional de Deus é a onipresença, que é a propriedade de estar em todo lugar (ZAGZEBSKI, 2016, p. 438). Ao considerar esse atributo, Zagzebski se depara com o seguinte quebra-cabeça: como um Deus imaterial e não-espacial pode estar presente em todos os pontos do espaço? (ZAGZEBSKI, 2016, p. 438). Para solucionar esse aparente problema, a filósofa se apoia no pensamento de Santo Anselmo, que afirma: “A natureza suprema existe em tudo o que existe, assim como existe em cada lugar. Ela não é contida, mas contém tudo, por permear tudo. Isso nós sabemos. Por que não dizer, então que ela está ‘em toda parte’ (significando tudo o que existe) em vez de ‘em todo lugar?’” (ANSELMO, apud ZAGZEBSKI, 2016, p. 438, tradução nossa).

Assim, Zagzebski conclui que a onipresença se aplica às partes não-espaciais da criação, assim como ao mundo espacial (ZAGZEBSKI, 2016, p. 438). A onisubjetividade, nesse sentido, é um corolário da onipresença, na medida em que “qualquer sentido em que Deus

pode estar em um local físico se aplicaria a partes não-físicas da criação” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 439, tradução nossa), podendo Deus estar presente nos estados mentais de cada ser consciente.

Já na interpretação padrão da onisciência, esse atributo é definido como “a propriedade de conhecer o valor de verdade de todas as proposições” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 245, tradução nossa). No entanto, Zagzebski identifica uma deficiência nessa interpretação padrão. Segundo ela, “um ser pode satisfazer essa definição sem conhecer tudo o que há para conhecer” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 245, tradução nossa). Para a filósofa, parece ser uma exigência para a onisciência divina ter conhecimento sobre todas as partes da criação e as diferenças entre elas, o que incluiria o conhecimento dos estados conscientes de todo ser consciente (ZAGZEBSKI, 2008, p. 234). Assim, “se Deus é cognitivamente perfeito, ele deve compreender como é ser suas criaturas e ter cada uma de suas experiências” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 437, tradução nossa). Zagzebski reconhece que, caso esse tipo de conhecimento seja impossível, isso não viola a onisciência. No entanto, seu objetivo é justamente argumentar que a onisubjetividade “não é impossível ou, pelo menos, sua possibilidade não deveria ser descartada” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 234, tradução nossa).

2 QUALIA E DIFERENÇAS DE PERSPECTIVA

A primeira questão que se coloca na busca por provar que a onisubjetividade é possível é relativa aos *qualia*, ou estados qualitativos da mente. Zagzebski irá defender que as diferenças entre estados qualitativos não são redutíveis a uma diferença em fatores físicos, mas dizem respeito a como é ter uma determinada experiência consciente, do ponto de vista de primeira pessoa (ZAGZEBSKI, 2008, p. 233). Um exemplo utilizado pela filósofa para ilustrar a irreducibilidade dos *qualia* é o seguinte: existe uma diferença entre enxergar em preto e branco e enxergar em cores, e essa diferença não é redutível aos fatores físicos que envolvem o indivíduo que enxerga e o mundo ao seu redor. Em vez disso, a diferença é entre *como é* ver em cores e *como é* ver em preto e branco (ZAGZEBSKI, 2008, p. 233). Nesse sentido, para que Deus possa diferenciar estados qualitativos, ele precisa adotar os estados conscientes da pessoa, pelo menos na imaginação (ZAGZEBSKI, 2008, p. 233). Aqui, o principal obstáculo que se coloca é que “o espaço consciente particular que cada um de nós habita pode não ser compartilhável, e pode ser necessariamente tal que é não compartilhável. Talvez todo estado consciente humano sob condições normais seja acompanhado por uma consciência de si” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 233, tradução nossa).

Assim, é necessário que Deus adote os estados conscientes de uma pessoa para poder dizer qual a diferença entre seus estados qualitativos. No entanto, é necessário entender como isso seria possível sem violar a individualidade da pessoa que possui aquele espaço consciente (ou seja, sem se confundir com a pessoa). Nesse contexto, é interessante mostrar a reflexão que Zagzebski faz acerca da relação entre onisubjetividade e a prática da oração. Conforme apontado pela filósofa, a oração, “na Teologia católica, é tradicionalmente definida como a elevação da mente e do coração de alguém a Deus” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 439, tradução

nossa). Nesse sentido, as orações mentais também são ouvidas por Deus, podendo ele estar ciente até mesmo de práticas de oração que não envolvem palavras (ZAGZEBSKI, 2016, p. 439). Para que isso seja possível, no entanto, Deus precisa estar “na mente” da pessoa que ora (ZAGZEBSKI, 2016, p. 439-440). A questão, portanto, é: “qual é exatamente a conexão que há entre o seu estado psíquico quando você está orando com ou sem palavras e o estado psíquico de Deus?” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 440, tradução nossa). Uma possibilidade colocada por Zagzebski é que, no momento da oração, “nosso espaço consciente é ocupado por duas pessoas, ou dois eus conscientes [Deus e a pessoa que ora]” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 440, tradução nossa). No entanto, isso tornaria a onisubjetividade impossível, pois, conforme pontuado anteriormente, o espaço consciente de um eu deve ser possuído apenas por ele. Nessa perspectiva, “um eu é definido como o ser que possui um certo espaço consciente. Um estado psíquico é individuado pelo seu portador. Apenas um ser pode estar pensando o pensamento que você está tendo agora, e esse ser é você” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 440, tradução nossa). O modelo de onisubjetividade a ser buscado, portanto, deve ser um “que não requira que Deus literalmente sinta seus sentimentos ou tome suas decisões, mas que também explique como Deus entende suas orações assim como você” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 440, tradução nossa). Mais à frente no artigo, veremos a solução que Linda Zagzebski propõe para esse problema.

Antes de conhecermos essa solução, no entanto, vejamos outra exigência implicada na onisubjetividade: Deus deve ter conhecimento sobre o mesmo fato em diferentes perspectivas, sejam elas de primeira ou de terceira pessoas. Sobre isso, Zagzebski afirma que

Se quaisquer dois qualia diferem, Deus deve ser capaz de dizer a diferença entre eles. Se a perspectiva de primeira pessoa em algum estado de coisas difere da perspectiva de terceira pessoa no mesmo estado de coisas, ele deve ser capaz de distingui-las. A única maneira de distinguir qualia é tê-los, e a única maneira de distinguir perspectivas de primeira e terceira pessoas é adotar essas perspectivas (ZAGZEBSKI, 2008, p. 236, tradução nossa).

Nesse contexto, Zagzebski dá um exemplo hipotético sobre si mesma para ilustrar a diferença entre as perspectivas de primeira e terceira pessoas sobre o mesmo fato: ela afirma que, caso faça uma bagunça, possui o conhecimento da seguinte proposição: “eu fiz uma bagunça”; no entanto, esse conhecimento possuído por ela não é idêntico ao conhecimento que outra pessoa tem da proposição “Linda Zagzebski fez uma bagunça”. Essa diferença consiste no fato de que o conhecimento da primeira proposição expressa uma perspectiva de primeira pessoa, ao passo que o conhecimento da segunda proposição expressa uma perspectiva de terceira pessoa (ZAGZEBSKI, 2008, p. 235). Assim, embora ambas as proposições se refiram ao mesmo fato, a diferença consiste nas perspectivas adotadas.

Desse modo, Zagzebski constata que um Deus onisubjetivo deve ter a capacidade de (1) conhecer e diferenciar estados qualitativos pertencentes ao mesmo indivíduo e (2) conhecer e diferenciar perspectivas de primeira e terceira pessoas sobre o mesmo objeto intencional.

Ambas as exigências só podem ser cumpridas caso Deus seja capaz de adotar os estados conscientes de outras mentes, e isso ele deve fazer sem se confundir com os possuidores desses estados conscientes.

A questão central, portanto, é: como é possível adotar a perspectiva de outra pessoa sobre um fato? Linda Zagzebski afirma que o modo pelo qual os seres humanos entendem os estados conscientes uns dos outros e as diferenças entre eles é reconstruindo esses estados em sua imaginação (ZAGZEBSKI, 2008, p. 236). Quanto mais exata a reconstrução, melhor é o conhecimento que se obtém. No entanto, já que essa reconstrução é feita com base na similaridade existente entre indivíduos, é fácil que ela seja imprecisa (ZAGZEBSKI, 2008, p. 236-237).

Por outro lado, segundo a interpretação tradicional, Deus conhece de forma direta, não precisando recorrer a auxílios cognitivos como a imaginação (ZAGZEBSKI, 2008, p. 237). Zagzebski, então, aponta que o modelo mais próximo da percepção direta que possuímos na experiência humana é a empatia. A empatia é entendida pela autora como “uma transferência de emoção de uma pessoa para outra”, sendo “a principal maneira de conhecermos as emoções dos outros” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 237, tradução nossa). Será, portanto, justamente o modelo da empatia o utilizado para compreender a onisubjetividade, na medida em que esse atributo será considerado “algo como a perfeição da empatia” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 237, tradução nossa), abrangendo não somente emoções, mas todos os estados psíquicos.

3 EMPATIA HUMANA

Já que o modelo utilizado para explicar a onisubjetividade será o da empatia, é preciso entender algumas características importantes da empatia humana. Linda Zagzebski aponta que a característica central da estrutura da empatia é que ela “é uma maneira de adquirir uma emoção como a de outra pessoa” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 237, tradução nossa). Essa “aquisição” da emoção do outro é motivada pela vontade de compreender essa emoção. Aqui, é importante pontuar que, na tentativa de adquirir uma emoção como a de outra pessoa, a perspectiva assumida é a do outro indivíduo e não, a daquele que está empatizando (ZAGZEBSKI, 2008, p. 239).

Zagzebski também destaca outro aspecto fundamental da empatia: ela “inclui uma tentativa de copiar a emoção da perspectiva da primeira-pessoa, mas também inclui seu próprio ego” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 441, tradução). Ou seja, quando uma pessoa assume a perspectiva de outra com a qual está empatizando, ela não se esquece de quem ela é e nem se confunde com a outra. Isso está ligado ao fato de que “uma emoção empática é conscientemente representacional. A empática não adota o objeto intencional da emoção que ela representa como seu próprio objeto intencional.” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 240, tradução nossa). Nesse sentido, o motivo de alguém sentir uma emoção empática não é o mesmo motivo que fez a pessoa com quem se está empatizando sentir uma emoção. O que a pessoa empática considera como

um motivo para a sua emoção não é o objeto intencional da emoção do outro, mas o fato de a outra pessoa sentir uma dada emoção (ZAGZEBSKI, 2008, p. 240).

Ao compreender isso, percebe-se que a empatia é compatível com a possibilidade de que os estados conscientes de cada pessoa sejam necessariamente possuídos por essa pessoa e nenhuma outra. Nesse contexto, Zagzebski afirma que

A cópia da empática da emoção alvo não é uma cópia exata, na medida em que ela está consciente de sua emoção como uma cópia da emoção de outra pessoa, enquanto a emoção alvo não é uma cópia. Nesse caso, a cópia incluiria uma cópia da consciência de um 'Eu' diferente (ZAGZEBSKI, 2008, p. 241, tradução nossa).

Assim, mesmo se o estado consciente de cada pessoa for acompanhado por uma consciência de si, é possível realizar uma cópia empática desse estado consciente sem se confundir com a outra pessoa.

4 EMPATIA DIVINA

O modelo da empatia humana será, então, expandido, visando a compreensão da empatia divina. Segundo Zagzebski, essa expansão é realizada para incluir “a transferência de todos os estados psíquicos de um humano para Deus” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 441, tradução nossa). Nesse contexto, a filósofa define a onisubjetividade como uma “empatia total perfeita com você e com todos os seres conscientes” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 242, tradução nossa).

Aqui, é importante notar uma certa variação na linguagem utilizada por Linda Zagzebski em sua definição de onisubjetividade, pelo menos no que diz respeito à ênfase dada. Em certos momentos, a filósofa descreve a empatia divina como “o estado de representar todos os estados conscientes de outra pessoa, incluindo suas crenças, sensações, humores, desejos e escolhas, bem como suas emoções” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 241, tradução nossa). Essa definição parece implicar que o modo de Deus empatizar com as criaturas é mediante uma “cópia” de seus estados conscientes, que são representados por ele de maneira perfeita. No entanto, em outros momentos, Zagzebski afirma que a onisubjetividade consiste em um conhecimento direto, sem o uso de inferências ou da imaginação (ZAGZEBSKI, 2016, p. 442-443). Segundo a filósofa, “Não há uma projeção imaginária vinda de fora. O que nós fazemos pela imaginação, Deus faz por compreender diretamente o estado consciente de alguém” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 442-443, tradução nossa). Ou seja, se trata agora de uma apreensão direta, e não mais de uma representação, conforme afirmado na primeira definição. Embora as citações aqui sejam de 2008 e 2016, respectivamente, não é possível afirmar que Zagzebski alterou sua definição de onisubjetividade, uma vez que sua linguagem alterna entre apreensão direta e representação nos dois artigos. É possível que a filósofa entenda apreensão direta e representação como termos sinônimos ou atos simultâneos no contexto da onisubjetividade. No entanto, essa identificação não fica clara nos textos.

De qualquer forma, Zagzebski defende que, por ter empatia total perfeita, Deus conhece os estados conscientes de qualquer ser e pode diferenciá-los. E como a empatia divina segue o modelo da empatia humana, Deus pode adotar os estados conscientes de outro indivíduo sem se confundir com ele, uma vez que também não há essa confusão quando um ser humano empatiza com outro. Além disso, Deus pode conhecer e diferenciar os estados conscientes de dois seres, ainda que esses estados estejam direcionados ao mesmo objeto intencional (ZAGZEBSKI, 2008, p. 242). Isso é o mesmo que dizer que Deus pode conhecer as perspectivas de primeira e terceira pessoas sobre o mesmo fato (ZAGZEBSKI, 2008, p. 244). Assim, cumprem-se as duas exigências feitas à onisubjetividade na seção 2, e o conhecimento divino pode abarcar todas as coisas existentes no universo (incluindo os estados conscientes).

É importante mencionar aqui uma ressalva que Zagzebski faz quanto ao caráter moral da empatia divina com sensações, emoções, juízos e escolhas. A filósofa aponta que a onisubjetividade seria um problema se “(a) alguns estados conscientes são imorais e (b) mesmo a representação de tais estados na consciência de um ser perfeito é imoral [...]” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 447). Embora Zagzebski não negue o ponto (a), ela afirma que a representação de estados conscientes imorais não é imoral. Nesse sentido, ela apresenta dois argumentos: primeiro, não é errado empatizar com uma certa decisão ou crença, uma vez que isso não é o mesmo que tomar aquela decisão ou ter aquela crença; segundo, ao empatizar com uma emoção imoral, é comum ter uma reação negativa a ela (e, no caso de Deus, sempre haverá a reação adequada à emoção com a qual ele empatiza) (ZAGZEBSKI, 2016, p. 447-448). Além disso, a autora defende que a empatia e a justiça divinas estão intrinsecamente ligadas nesses casos, uma vez que “Deus *deve* empatizar perfeitamente com os estados conscientes de uma pessoa para poder julgar essa pessoa com completa exatidão e justiça” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 447).

5 IMPLICAÇÕES DA ONISUBJETIVIDADE

Por fim, vejamos brevemente algumas implicações e vantagens de se aceitar a onisubjetividade, conforme apontados por Linda Zagzebski. Como foi visto na seção 1, esse novo atributo amplia a compreensão da onisciência e da onipresença. Já na seção anterior, foi visto que a empatia divina é uma exigência para a exatidão da justiça divina. No entanto, Zagzebski aponta outras vantagens além dessas: a primeira é que a onisubjetividade revela um relacionamento íntimo de Deus com suas criaturas. Nas palavras da filósofa,

Se Deus está na minha mente como um observador de meus pensamentos e sentimentos, isso não é onisubjetividade. O relacionamento que estou propondo é ainda mais íntimo que isso. Deus me conhece da maneira que eu conheço a mim mesma, conhecendo meus pensamentos, sentimentos e propósitos de minha própria perspectiva. Esse é o relacionamento mais íntimo possível [...] (ZAGZEBSKI, 2008, p. 245).

Dessa forma, na onisubjetividade há um compartilhamento mútuo das vidas humana e divina, conforme é visto, por exemplo, nas doutrinas cristãs sobre o relacionamento entre Deus e os seres humanos (ZAGZEBSKI, 2016, p. 449).

Uma segunda vantagem da onisubjetividade apontada por Zagzebski é a aplicação desse atributo à doutrina cristã da Trindade. Segundo a autora, a distinção entre as pessoas da Trindade implica uma distinção de ponto de vista entre elas (ZAGZEBSKI, 2016, p. 446). Nesse contexto, caso a empatia divina seja aplicada, “cada membro da Trindade é perfeitamente onisubjetivo em relação aos outros membros da Trindade” (ZAGZEBSKI, 2016, p. 446). Isso expressa o mais perfeito entendimento possível entre pessoas, que é revelado na Trindade (ZAGZEBSKI, 2016, p. 446).

Por fim, a maior vantagem que Zagzebski aponta no atributo da onisubjetividade é que ela “é uma propriedade que é distintivamente pessoal, mas ainda incompreensivelmente imensa” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 246). Nesse sentido, ela “faz mais sentido como um modelo de como um ser cognitivamente perfeito e benevolente conhece suas criaturas do que o modelo da divindade lendo todas as proposições sobre o mundo em sua enciclopédia mental” (ZAGZEBSKI, 2008, p. 246). Assim, a onisubjetividade é ao mesmo tempo o mais pessoal dos atributos divinos e uma elevada propriedade metafísica, unindo onisciência e onipresença na personalidade de Deus (ZAGZEBSKI, 2016, p. 450).

CONCLUSÃO

Enfim, a conclusão desse artigo é que a onisubjetividade, segundo Linda Zagzebski, consiste no conhecimento perfeito que Deus tem dos estados conscientes de todos os seres conscientes. Esse conhecimento - seja obtido por representação ou por apreensão direta - segue o modelo da empatia humana, na medida em que Deus adota os estados conscientes da pessoa com quem empatiza. Portanto, não há risco de que Deus se confunda com os seres com os quais ele empatiza, uma vez que isso não ocorre na empatia humana. Nesse sentido, a onisubjetividade possibilita que Deus conheça tudo o que há para ser conhecido, incluindo os estados qualitativos de cada indivíduo e as perspectivas de primeira e terceira pessoas sobre o mesmo objeto.

Zagzebski, ao propor o atributo da onisubjetividade, busca preencher certas lacunas teóricas presentes nas definições tradicionais dos atributos divinos (principalmente a onisciência). Mais do que isso, a filósofa defende que sua tese pode trazer contribuições vantajosas para a forma como Deus é compreendido tanto filosoficamente quanto na vida comum dos indivíduos.

Uma observação final que pode ser feita é o fato de que Zagzebski não aborda a possibilidade de a onisubjetividade ser também extensiva aos animais, além dos seres humanos. A filósofa defende que Deus pode empatizar com todos os seres conscientes, mas não é afirmado de forma definitiva se com isso ela quer dizer apenas seres humanos. Entrar nesse assunto abriria toda uma discussão envolvendo temas como senciência e níveis de consciência.

Portanto, embora a investigação desse problema possa ser promissora, não a realizaremos aqui devido aos limites de nosso trabalho, ficando apenas uma sugestão para futuros projetos. Assim, nos restringiremos a afirmar que, na compreensão de Zagzebski, a onisubjetividade divina é extensiva aos seres humanos.

REFERÊNCIAS

ZAGZEBSKI, LINDA. Omnisubjectivity. *Oxford Studies in Philosophy of Religion* 1 (2008), p. 231-248.

ZAGZEBSKI, Linda. Omnisubjectivity: why it is a divine attribute. *Nova et vetera* 14 (2016) 2, p. 435-450.

Artigo submetido em 22/05/2025 e aprovado em 08/07/2025.

Lucas Lima da Silva: Graduando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Pesquisa realizada como bolsista CNPq no PIBIC FAJE em 2023, sob orientação do Prof. Dr. Daniel De Luca Silveira de Noronha, no âmbito de seu projeto de pesquisa “A ideia da empatia regulada”. E-mail: sluis3491@gmail.com

Endereço: Rua Umbelina Maria de Freitas Pinto, N 68, Bairro Piratininga

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-0271-5231>

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Dr. Daniel De Luca Silveira de Noronha, Dra. Marília Murta de Almeida